



A CASA DA MOEDA EM PARIS

SUMMARIO

A casa da moeda em Paris.—Noções de Economia Domestica, D. Maria José da Silva Camato. — Cultura das emoções intellectuaes, Bernard Perez.—A memoria de Gôngales Crispo. (poesia) Luiz Francisco da Silva.—Uma historia verdadeira, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — Crystal de Bohemia. — A Condessinha, D. Eliza Caodur. — B. . . (poesia), Mathens Peres.—Variedades.—Chronica dos theatros, Py-Thon.—Album Enigmatico.

GRAVURAS: —A casa da moeda em Paris.—Crystal de Bohemia.

NA CAPA: —Dictionario de cozinha.

A CASA DA MOEDA EM PARIS

O notavel edificio que a nossa gravura representa foi começado em 1768 e ficou concluido definitivamente em 1775.

Ao concurso aberto para a escolha da planta apresentaram-se os architectos mais distinctos d'aquella época, taes como Moreau, Boullée, Barreau e muitos outros ainda, sendo porém os seus projectos classificados inferiormente ao risco de um concorrente quasi obscuro e desconhecido então, Jacques Deniz, risco que foi accete pelo governo de Luiz XV. E havia razões bastantes para esta preferencia, porque o projecto de Jacques Deniz reunia todas as condições desejaveis de harmonia de linhas, de elegancia, de magnificencia, que mais tarde deviam ser completadas pelo perfeito acabamento da construcção.

De facto a casa da moeda da capital da França pôde reputar-se um edificio modelo, sob todos os pontos de vista porque se queira apreciar.

Cada uma das duas frentes do palacio mede 120 metros de comprimento. Uma das fachadas, parallelas ao Sena, tem um corpo central extremamente elegante formado por seis columnas jonicas assentes sobre cinco arcos ornados com riqueza, sendo o do centro a entrada principal do edificio. As portas são de madeira de carvalho, com soberbos trabalhos de talha e ornatos de bronze. Este corpo do edificio é encimado por seis magnificas estatuas devidas ao genio de Pigalle, Mouchy, e Leconte e representam a Lei, a Prudencia, a Força, o Commercio, a Abundancia e a Paz.

A outra fachada, tambem notavel pela sua ornamentação opulenta e pela sua elegancia distincta, corre ao longo da rua Guenegand.

No corpo central d'esta fachada ha quatro magnificas estatuas, representando os quatro elementos, devidas aos cinzeis prodigiosos de Caffier e Dupré.

A porta principal, do lado do Sena, abre sobre um espaçoso vestibulo, ornado com quatro columnas doricadas, vestibulo que dá accesso a uma escada soberba decorada com dezeseis columnas da ordem jonica. Dentro do edificio ha tres pateos grandes e muitos outros pequenos que servem principalmente para a boa distribuição da luz, para facilitar as communicações e para ventilar convenientemente as diversas salas e officinas.

O sabio perdoa tudo menos os vicios; o mundo perdoa tudo, menos os ridiculos.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XXVII

(CONCLUSÃO)

O pó dá uma gomma consistente.

Ha batatas brancas, vermelhas e roxas: são muito estimadas as batatas doces das nossas ilhas. A batata branca, lisa e com a epiderma fina, é reputada a melhor. Começa em julho a colheita da planta; mas então a raiz não está madura nem saudavel. Em novembro é que a dona da casa deve fazer a sua provisão; escolhendo as que não tiverem recebido chuva, e que não sejam muito volumosas, porque são negras por dentro: deve mandal-as guardar em lugar secco e escuro, aliás começam a grelar.

Não sei onde li que, postas sobre camadas de residuos de carvão, se conservam muito bem e por muito tempo. A batata de Argel tem a pôlpa de côr escura.

Plantas bulbosas (cebollas e alhos)

Ha-as de muitas especies; quasi todas entram nos mais appetitosos preparados de cozinha; toda as cozinheiras sabem entrançar a rama das cebollas e dos alhos e pendural-os, como tropheus da sua arte beinfazeja.

A cebolla albarran é empregada nos medicamentos: o Egypto consagrava-lhe cultos: a assafétida, extracto d'esta cebolla, pôde servir de perfume ás deidades infernaes!

Cogumellos

Planta de vegetação mui differente das precedentes; contendo partes analogas a substancias animaes, e por isso mesmo, mui nutritiva; ha, entre as suas especies, algumas venenosas e difficéis de conhecer, antes de serem submettidas á ebullição; chegando a esse ponto, basta metter no vaso, com agua fervente, uma colher de prata; se o metal se retira com manchas negras, a planta está viciada. Não succede o mesmo com os cogumellos seccos; pôdem cosinhar-se affoitamente; porque os venenos apodrecem antes de seccar. Em França ha cogumellos brancos que vão de Borgonha.

Trufas

E' uma producção vegetal, inda mais extraordinaria que os cogumellos; acham-se em França e na Italia; a sua descoberta deve-se aos animaes suinos que as procuram avidamente fossando na terra. Assemelham-se ás batatas; mas é, por ora, um prato privativo das mezas ricas; cozinham-se de muitas fórmas.

E' preciso muito cuidado em lavar os vegetaes; pela maior parte servem de transporte a insectos que não devem nausear-nos, apparecendo cosidos no prato! Não convém a todas as plantas toda a casta de gorduras. Para as couves, feijão e grelos, emprega-se manteiga de porco, azeite ou manteiga de vacca: para as ervilhas, couve-flor, espargos, etc. caldo ou manteiga fres; se se pretende engrossar o molho com farinha, deve-se diluir pequena quantidade, e bem desfeita, que não appareça em grumos; tambem se não deve em demasia engordurar as comidas. Demandam cuidado os legumes, para se não queimarem; porque adquirem um pessimo sabor: tendo de os requeantar é melhor não os deixar ferver.

Nas aldeias de França fazem-se conservas de toda a qualidade de hervas e legumes; e por ahi se vende a *sopa Juliana*, que não prima, nem pelo sabor nem pelo preço.

As nossas conservas de cenouras, mostarda, pimentos são muito mais agradaveis e de facil digestão.

No meu plano de *economia domestica* ficam supprimidos muitos artigos. Não tratarei de fructas, de peixe, de lavagem de roupa, nem de trabalhos de agulha. Ha por ahi tantos tratados sobre este assumpto, que me resolvi a abandonar este trabalho a quem, muito melhor do que eu, o desempenha.

Demos-lhes o fructo de suas mãos e as suas obras os louvem na assembléa dos juizes. Prov. cap. XXXI, v. 31.

Por ultimo recommendarei ás professoras das escolas ruracs, que, mesmo quando os trabalhos do campo lhes roubem as alumnas, nem por isso deixem de as animar com os seus conselhos, para que estudem, emquanto os vitellos, as ovelhas e os cabritos retouçam e saltam sob a sua vigilancia; nem se esqueçerá de exhortar a que não maltratam os animaes; e a que não roubem os ninhos ás pobres avesinhas; a que não espicacem as rezes; não espanquem o cão; não apedrejem o gato, etc. Dir-lhes-ha que os animaesinhos são creaturas de Deus, indefezas e submissas; uteis aos trabalhos do homem; e muitos d'elles seus companheiros e amigos.

Pouco antes de findar este longo aranzel, uma das minhas alumnas-mestras, muito se affligiu, porque uma linda borboleta, crestada na luz do gaz, caiu no tinheiro morta!

E eu revejo-me na minha obra, quando as contemplo assim, tão *feminilmente* compassivas.

Que se riam as zombeteiras. . . Eduquem-lhes ellas a nova geração nos principios de caridade e amor por todos os desvalidos, e os zombeteiros hão de emudecer. . .

Quanto a mim — *abri mão d'estas coisas; e o meu coração renunciou a tudo o que é afadigar se debaixo do sol.* Ecclesiastes, cap. II, v. 30.

Lisboa, 7 de fevereiro de 1883.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

CULTURA DAS EMOÇÕES INTELLECTUAES

O SENTIDO NATURALISTA

XIII

Dir-se-ha que a creança, propensa como é para dramatisar tudo, quando mais crescida, atribue a cada um dos seus brinquedos uma personalidade definida e que falla d'elles e os estima como se fossem seres dotados de vida? Responderemos que n'este caso não ha creança mas simplesmente uma simples ficção convencional. Pôde a creança sustentar que são effectivamente dotados de vida os seus brinquedos, mas não o acredita entretanto. Se a boneca lhe mordesse ficaria tão estupefacta como um adulto. Muitos animaes intelligentes dramatisam igualmente estas accções agradaveis das facultades inoccupadas; á falta de objectos vivos accceitam, para represental-os, objectos sem vida, e de preferencia os que a simulam. Mas o cão não crê que seja dotado de vida um bocado de pau atraz do

qual vae correndo. Se o desfaz em estilhas quando o apanha, é simplesmente para simular a comedia da caça: se o julgasse vivo tel-o-ia mordido antes com o mesmo ardor. Ainda se allega que o proprio adulto trahe muitas vezes a tendencia natural para tomar como animados os objectos inanimados. Irritado pela resistencia que lhe offerece um objecto inanimado póde, de facto, arremessal-o com violencia, desesperado, e pisal-o a pés. Estes actos porém encontram uma explicação muito simples: a colera, como qualquer outra emoção forte, tende a transformar-se em violentas acções musculares que devem tomar uma determinada direcção; quando a causa da colera é um ser vivente, como acontece muitas vezes, as acções musculares são attinentes a fazer-lhe mal; e quando o objecto não é dotado de vida a expansão muscular toma um caminho identico, salvo se uma outra causa vem desvial-a. Mas não póde dizer-se que o homem, que transforma o seu furor em actos d'este genero, creia que o objecto é vivo, ainda que por esta fórma pareça julgal-o (1) (2).»

Quanto á confusão entre o homem e o animal creio que os psychologos e os mythologos exaggeram, em geral, esta tendencia anthropomorphica. Eis o que a seu respeito pensa um dos mais competentes: «O estudo vivo do mundo actual dos selvagens demonstrou que o sentimento de uma differença psychologica entre o homem e o irracional, sentimento tão profundo no nosso meio social, é completamente desconhecido nas raças atrazadas. E' o que poderam observar viajantes meticulosos e é o que se deduz evidentemente dos quadros que se nos apresentam d'aquelle viver singular. Os selvagens dirigem com uma grande seriedade a palavra aos animaes vivos ou mortos, e como se elles fossem seres humanos; cumprimentam-nos e na caça, antes de os matarem, desculpam-se com a necessidade que a isso os força. Um indio da America do Norte falla com o seu cavallo como se elle fosse dotado de razão. Quando mata um urso pede-lhe perdão ou procura socegar-lhe o espirito convidando-o a fumar no cachimbo da paz.»

Na Africa os cafres que andam na caça dos elephantes não deixam nunca, quando matam algum, de protestarem que o não fazem de proposito. No norte da Asia, entre os Samoyedes, os Koriakes, etc. se algum mata um urso ou um lobo accusa sempre um russo de o ter feito, jurando aos seus deuses que está innocente (3).»

BERNARD PEREZ.

(1) Herbert Spencer, *Principes de Sociologie*, p. 188 e 189.

(2) M. F. Pollock apresentou a mesma opinião no seu interessante artigo publicado no *Mind* (n.º de julho de 1878), e que tem por objecto o progresso da linguagem de uma creança. Na propria creança esta confusão é apenas passageira.

(3) J. Baissac, *Les origines de la religion*, pag. 92, tom. I.

À MEMORIA DE GONÇALVES CRESPO

Mais um astro cain. No pantheon da Historia
Mais um nome esculpiu a penna do Porvir;
Ao Aquilão da morte, ao seu feroz bramir
Marchou mais uma flor no roseiral da Gloria.

E' triste ver assim em plena primavera
Emquanto o amor acorda aos beijos da alvorada
E a briza susurrante exhala delicada
Os divinaes olor's que o seu regaço gera,

Desappar'cer no ocaso immenso do athaúde,
A viçosa e brilhante estrella da poesia,
—Essa virgem ideal que tange no alaude,
A canção do prazer; do pranto a elegia.—

E' triste ver cair um campeão na lueta
Um campeão andaz pujante de talento,
Como a risonha flor ao latego do vento
Que brota no rancor d'uma borrasca bruta.

E' triste ver seccar o lyrio verdejante
D'essa lyra sublime — a grande inspiração —
Que nasce no jardim do puro coração
E que gerou Camões, um Lamartine, um Dante.

O teu nome, no entanto, ingente e glorioso
Não mais se riscará das paginas futuras,
Brilhando entre o matiz sublime e valioso
Das pérlas e rubis — *Nocturnos, Miniaturas.*

23—10—83.

LUIZ FRANCISCO DA SILVA.

UMA HISTORIA VERDADEIRA

II

(Continuação)

Um dia, porém, fez-se na vida atormentada e tempestuosa do pequeno Thadeu uma claridade opalisada e doce.

Houve treguas nos seus varios martyrios, e sua mãe, n'uma bella manhã de primavera em que os passaros cantavam ao desafio nas grandes arvores do jardim, levou-o pela mão, pé ante pé, a um quarto forrado de setim cõr de rosa, um quarto digno de servir de habitação á fada mais linda que uma phantasia de poeta oriental houvesse imaginado.

N'aquelle quarto havia um ninho todo branco feito de rendas, de fitas, de setim, de pennugem de passaros, e n'esse ninho dormia uma creancinha que parecia uma rosa.

—E' tua prima, murmurou baixinho a mãe de Thadeu, enquanto este, mudo, surpreso, extasiado, fitava os seus olhos vitreos, onde o jubilo acendia uma luz desusada, nos grandes olhos luminosos e pasmados do *bébé* que acordára!

Oh! como Thadeu adorava aquella creança! Como na sua vida houve de repente um fiecto, uma esperança, uma luz!

Sua tia, uma vez em que *bébé* chorava muito nos braços da ama, dissera a Thadeu com uma voz menos glacial do que o costume:

—Thadeu, brinca com a prima a ver se ella se cala.

E elle fizera calar a rabujenta pequerrucha.

Desde esse dia soube-se que a *menina* tinha o insolito capricho de adorar Thadeu, de rir quando elle estava de joelhos dobrado sobre o seu berço, de chorar quando alguém o levava d'ali para fóra.

A ama tomou o costume de o chamar e de o fazer estar horas e horas a entreter a *menina*.

Ao principio elle fazia-lhe caretas e momices, como as que usava fazer para divertir seu tio; depois, sem bem se perceber porque, adoptou outro systema inteiramente opposto.

Percebeu que a pequenita não queria um bóbo, como esse espirito embotado e pervertido que o victimára. Com os seus caprichos o que a *bébé* queria, na ingenuidade adorável do seu despotismo infantil, era um companheiro de seus brinquedos; um sócio, um escravo que a adorasse e de quem fosse adorada.

Thadeu era tudo para ella; queria-o perto da grande banheira em que tomava o seu banho de manhã; queria-o junto da pequena mesa de nacre onde a ama lhe dava as sopinhas, queria-o no berço ao adormecer, queria-o no jardim, á sombra das arvores, sobre a arêa finissima, onde se rolava, vestida de rendas brancas, a rir como uma perdida.

Chamaram-lhe Margarida.

Margarida quer dizer perola, e Thadeu, que vira muitas vezes sua tia vestida de baile, achava um nome muito bem posto áquella creança branca, transparente, loura, idealmente graciosa.

Oh! Thadeu ainda andava muita vez vestido de marujo, de granadeiro, de tyrolez e de alferes, ainda o introduziam no cofre da lenha, ainda o faziam fumar um charuto depois de jantar, cheio de ancias, de náuseas, de gritos abafados de angustia, mas que importa!

Logo que podia escapava-se para o quarto da fada, para o estójo côr de rosa da sua *perola*, da sua Margarida, e então eram risadas sem fim, eram corridas delirantes por sobre o tapete, era um papaguear de duas aves felizes.

Margarida com a idade ia-se fazendo despotica.

Pudera!

Ou ella não fosse mulher, e estremecida pelo seu humilde escravo!

Mas era assim mesmo que elle a queria.

Quando as mãosinhas polpudas e brancas de Margarida lhe batiam, Thadeu sentia-se feliz como um rei.

Quando ella o obrigava a agachar-se no chão para lhe servir de jumento, o rapazinho tinha tentações de rinchar de prazer, fazendo o passo bem ao vivo.

Porque no fim de contas, apesar de todas as suas adoráveis crueldades, Margarida gostava d'elle.

A presença de Thadeu illuminava de risos o seu rosto oval, coroadado de cabellos louros annellados, o seu rosto a um tempo angelico e gaiato!

Margarida não o achava feio, nem tolo, nem ridiculo, nem doente.

Não desprezava a fraqueza dos seus braços, nem a pobreza absoluta da sua imaginação.

Pelo contrario! Admirava-o!

Sim; ella dera-lhe esta sensação poderosa e extraordinaria, a sensação dos que se veem admirados com ingenua confiança.

Margarida pedia-lhe coisas enormes, com uma serenidade ineffavel de crente!

Pedira-lhe um ninho de melros, e o que é mais! conseguira que elle, tão medroso, tão debil, tão assustado, trepasse pelos braços nodosos de uma grande arvore e lh'o fosse buscar lá acima.

Que triumpho o d'ella, ao ver satisfeito o seu capricho! mas que triumpho maior ainda o d'elle ao comprehender que alcançara essa coisa prodigiosa, que nem nos sonhos mais arrojados das suas noites de febre elle ousára até alli conceber!

Um dia Margarida, em frente d'aquelle rasgo assombroso de valentia que pozera Thadeu ao lado dos maiores heroes, pozera-se grave, meditativa, e, apontando com serena magestade para a lua que se refle-

ctia n'um tanque do jardim, pedira a lua ao seu amigo Thadeu!

Está claro que elle lh'a não pôde dar, mas gostou d'aquillo!

Percebeu que o julgavam capaz de coisas grandes, de levar a cabo emprezas impossiveis, e esta idéa que alguém tinha da sua força, fel-o crescer aos seus proprios olhos.

O marquez conhecendo que o pequeno deixára de ser seu juguete, simplesmente para ser juguete da sua filha e herdeira, applaudiu-se de lhe haver dado aquella educação especial, e prohibiu que o distrahissem, fosse sob que pretexto fosse, das suas novas funcções.

Margarida era ainda muito pequenina para entreter os paes.

Elle precisava das excitações da politica, das lutas do parlamento, dos sorrisos falsos ou verdadeiros, caros ou baratos das formosas mulheres, do jogo, da ambição, do amor, da violencia corrosiva de todas as grandes paixões!

Elle precisava do luxo, das joias que scintillão, das sedas que se quebram em ondulações brilhantes, do cõro das adulações mentidas, de todas as ephemerias alegrias que só o mundo lhe podia dar.

Para ambos Margarida seria um remorso, se a não vissem tão nedia, tão roliça, tão alegre, com chispas de travessura maliciosa no olhar, sempre acompanhada do seu pequeno amigo, submisso e fiel como um cão.

Deixaram-os, pois, crescer e viver juntos sob o olhar das aias, sempre um pouco hostil para Thadeu e por isso tanto mais insuspeito.

Foi o verdadeiro paraizo que este conheceu na terra, foi a sua idade de ouro.

Ha entes que nunca, nem por um instante só, conheceram a completa ventura.

São de todos os mais desgraçados.

Thadeu mais tarde podia ao menos recordar-se!...

E elle sabia apreciar tão bem aquellas alegrias que em manhã abençoada tinham cabido sobre a sua pobre cabeça de pária!

Um dia Margarida, travessa e caprichosa como era, desattendendo todas as advertencias de Thadeu, deixara-se cahir dentro do tanque do jardim.

O pequeno não sabia nadar.

Que importa!

Sem premeditação, sem raciocinio, obedecendo a um instincto de dedicação inteiramente canina, deitou-se n'agua atrás d'ella.

As creadas, acudindo, tiraram do tanque as duas creanças abraçadas.

Imagine-se o que iria em casa!

Thadeu, castigado severamente, não quiz condemnar a sua amiguinha, para se salvar a si.

Foi ella que, soberba, graciosa, com a sua magestade de pequena rainha, disse aos paes:

— Não batam n'elle. Elle pediu-me que não fosse. Eu é que quiz ir.

Acharam-n'a adorável; encheram-n'a de carícias e de gulodices, mas ninguém pensou na acção tão simples e tão heroica do pequeno Thadeu, a quem tinham posto a alcunha do *medroso*.

(Continua).

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O espirito que se deixa abater pela miseria não é capaz de nenhum sentimento elevado.



CRYSTAL DE BOHEMIA

Crystal de Bohemia

Como specimen de elegancia e de bom gosto artistico apresentamos hoje o desenho de uma garrafa e copos de crystal de Bohemia.

A delicadeza e a graça da ornamentação correspondem á boa harmonia das linhas geraes e formam um *ensemble* encantador, que não deixará de ser lisongeiamente apreciado por todos os que se interessam pelas coisas de arte.

A CONDESSINHA

Chamavam-lhe um mytho, quando ella era apenas uma caprichosa, muito cheia de nervos, muito amante de aventuras e pouco apreciadora d'isto a que se dá o nome de *conveniencias sociaes*.

A condessa ria perdidamente, se alguém, n'uma intimidade amiga alludia de leve que fosse ás taes *conveniencias* mentirosas, cheias d'uma hypocrisia desprezível, segundo a sua opinião.

—A essas *convenções* banaes d'uma sociedade corrupta prefiro a minha consciencia, dizia ás vezes n'um tom desdenhoso e altivo que fazia emmudecer os interlocutores.

No fundo a condessa era boa, tinha mesmo uma certa inflexibilidade de principios, nunca desmentidos por uma acção menos digna.

Para ella a consciencia era tudo; de resto, as *convenções* que os costumes teem arvorado em freios repressivos desapareciam.

—Se nunca havia commettido um crime, dizia, não era porque temesse offender a sociedade, era porque não queria offender a sua consciencia; — não respeitava a opinião publica, respeitava-se a si propria.

E estas respostas orgulhosas, cheias d'uma dignidade régia, davam-lhe a superioridade moral e dominadora dos espiritos impeccaveis. Era por isso que apesar de todas as suas extravagancias apparentemente reprehensiveis a condessa era respeitada e querida.

Rica bastante para poder satisfazer todas as exigencias loucas da sua phantasia irrequieta, adquirira uma reputação especial, que dava á sua personalidade certo prestigio mysterioso de *coisa rara*.

As conchecidas não podendo comprehendel-a, odiavam-na: mordiam-lhe a reputação como viboras e frequentavam-lhe os salões como amigas. E' que, muito mediocres para por si só despertarem um ruido que as levantasse da sua pequenez rutinária e burguezia, sentiam a necessidade das relações da condessa que lhes enviava alguma coisa do seu prestigio olympico.

Pelo seu lado os homens adoravam-n'a, sinceramente curvados, n'uma adoração de crentes. Ella porém, que não respeitava a sociedade e zombava das coisas sérias da vida, não podia também aceitar o amor no justo grau da sua importancia e tomava-o apenas como variante das suas distrações materiaes.

Ser attendido pela condessa, mesmo sem esperança de nada mais obter d'ella que sorrisos d'uma significação dubia e phrases meio escarninhas, scintillantes de espirito mas vazias de affecto era o *supra summum* da felicidade, para as individualidades barbadas que a rodeavam.

Todavia a condessa tinha para os seus apaixonados exigencias difficeis, d'uma crueldade requintada, e quando a victima submissa, tremula pelo sobresalto da esperança vinha postar-se de joelhos e dizer-lhe:—*Cunpri...*, a condessa recostava indolentemente a cabeça no espaldar do *fauteuil* e ria, ria por muito tempo, mostrando o esmalte branco da sua bella dentadura:

—Que idéa! Pois fez isso...? dizia por fim com um sorriso benevolo, mais humilhante que todas as gargalhadas anteriores. Tomou a serio o meu gracejo, que ingenuidade!

E continuava rindo como se não se tratasse d'um coração verdadeiramente ferido, ás vezes mesmo da felicidade d'uma existencia inteira.

Os homens porém enfastiavam-n'a. Eram todos o mesmo:—banaes e servis, curvando-se perante a sua belleza dominadora, do mesmo modo que se humilhavam ante a sua fortuna principesca.

—Que raça vil, pensava ás vezes, lembrando-se dos seus adoradores!

E todavia o amor devia ser uma bella coisa; sendo energico, forte, correspondido podia, quem sabe? talvez mesmo quebrar a monotonia da sua vida, produzir-lhe alegrias, delirios d'uma sensação nunca experimentada, toda nova para ella. E sorria a estes pensamentos como que denunciando um vago desejo de amar verdadeiramente.

De repente porém uma gargalhada escarninha respondia áquella idéa estranha e a condessa levantava-se murmurando baixinho:—Tinha que ver... uma paixão...

E continuava rindo da sua idéa original.

Dias d'um tedio invensível torturavam-n'a; o seu sorriso espontaneo e constante apagava-se; então a voz emmudecia-lhe e o seu olhar perdia o brilho e a vivacidade dos dias alegres.

Alguem que podesse vel-a, desconhecê-la-hia. Ella porém fechava-se; não queria ver nem ouvir; as suas ordens eram transmittidas por escripto e lidas entre os creados em voz baixa, nos confins do palacio, para não quebrar o silencio sepulchral em que n'aquelles dias tudo ali devia estar immerso.

As amigas chamavam áquillo *telha* e riam-se.

No dia seguinte á crise nervosa que lhe torturava o espirito, a infeliz condessa não podendo com todo o peso do seu ouro comprar um novo prazer, conseguir uma nova distração que sacudisse o *spleen* dos seus dias enfastiados, fazia um novo tentame e partia para longiquas viagens povoadas de aventuras palpitantes com que pretendia matar o tedio da sua vida insupportavel de pessoa rica e saciada.

Viajara muito. A Europa não tinha já para ella novidade nem attractivos.

Um dia veiu-lhe um pensamento extravagante que se converteu logo n'um desejo intenso:—Possuir um kiosque luxuoso, de pau sandalo sobre pilares de mar-

more, mobilado com a opulencia soberba d'um rajá; queria-o no meio de jardins e de cascatas d'um gosto todo oriental, onde creados humildes como cães e indolentes como a propria preguiça agitassem brandamente leques de pennas d'um contacto veludoso, ou verdadeiros *pankás* de seda vermelha que envolvessem em frescuras balsamicas o seu corpo voluptuosamente embalado na rede favorita dos povos do oriente.

E partiu para a India movida por aquelle capricho, fazendo planos e idealizando prazeres:—De dia passearia de *palanquim*, sobre os hombros dos filhos do sol e as noites passal-as-hia ouvindo as historias do *moço de divan* e fumando opio n'um cachimbo elegante de ambar de Roule. Depois estudaria os costumes; faria excursões ao interior da região; queria affrontar a colera altiva d'um brahamane; arrostar o perigo de ser comida por um antropophago ou morta pelo laço dos *thugs* selvagens; desejava escutar, no silencio das selvas, os rugidos dos tigres e acampar á noite, com o seu sequito de nababo, em desertos d'uma immensidade grandiosa onde os homens e os cavallos, os cães e os camellos da sua caravana, tivessem aspectos phantasticos d'uma originalidade nova e estranha.

A condessa realisou tudo e succedeu-lhe como sempre:—enfastiou-se.

(Continua).

ELIZA CAODUR.

B...

I

Quem nunca te houvera visto!
Quem nunca te houvera amado!!
Imagem da Mãe de Christo,
Santo Lyrio immaculado!

Por isso eu ando perdido...
Escondendo, no meu canto,
Esse teu nome querido...
Esse teu nome de encanto!...

II

Quando a suspirosa aragem
Vem trazer-me as tuas fallas
—O' esplendida miragem!
Fico enlevado a escutal-as!

Escuto, escuto, chorando,
Aquellas fallas mimosas
—Aves! que, em alegre bando,
Me beijam tão carinhosas!

E choro porque não posso
Dizer ás aves:—sois minhas!...
—Mas... o meu amor é vosso
O' candidas andorinhas!

III

Quem nunca te houvera visto!
Quem nunca te houvera amado!!
Imagem da Mãe de Christo,
Santo Lyrio immaculado!

VARIÉDADES

Duas engraçadas cartas de Rossini, que provam o genio humorístico do celebre auctor do *Guilherme Tell*.

I

Depois de não fazer nada a melhor occupação que se pôde ter é... comer; comer bem, entende-se.

O que o amor é para o coração é o appetite para o estomago. No estomago vê-se o *maestro de capella*, que dirige e activa a grande orchestra das nossas paixões; o estomago vasio representa o *contrabaixo* ou o *flautim* exprimindo o descontentamento e a inveja; pelo contrario, quando cheio, personifica o *triangulo* do prazer cu os timpanos da alegria.

Enquanto ao amor, reputo-o a *prima dona* por excellencia, a *diva* que canta no cerebro essas *cavatinas*, que seduzem o ouvido e embriagam o coração.

Comer e amar, cantar e digerir; eis verdadeiramente os quatro actos d'esta *opera buffa* que se chama... vida, e que se derrete como a espuma do *Champagne*. Quem a deixar partir sem a haver gosado é um refinado tolo. — *Rossini*.

II

O meu *Barbeiro* ganha terreno todos os dias; o patife sabe tão bem captivar as sympathias, a ponto dos mais encarniçados inimigos da nova escola se declararem a seu favor.

De noite não se ouve pelas ruas senão a *serenada de Abnaviva*; a aria do *Figaro*, *Largo el factotum* é o cavallo de batalha de todos os barytonos, e as meninas que adormecem suspirando *Una voce poco fú* acordam pensando em *Lindoro mio*.

Porém o que vae interessal-a mais do que a minha opera, querida Angelica, é a descoberta que acabo de fazer de uma nova sallada, cuja receita me apresso a enviar-vos. Toma-se azeite de Provença, mostarda ingleza, vinagre de França, um pouco de limão, pimenta e sal, mistura-se e bate-se tudo juntando-se-lhe algumas trufas cortadas em bocadinhos. As trufas dão a este preparado um gosto, um aroma, que parecem inventados de proposito para extasiar o maior gastronomo.

O cardeal secretario de estado, com quem fiz conhecimento um d'estes dias, lançou-me a benção apostolica por esta descoberta. A trufa é o Mozart dos adulos culinarios. E, na realidade, eu não encontro para fazer comparação com o *Don Giovanni* senão a trufa; quanto mais gosamos estas maravilhas, maior encanto e satisfação ellas nos produzem. — *Rossini*.

Diamante. — O valor do diamantes era, até ha pouco tempo, determinado pela moda, que fazia d'esta pedra preciosa um objecto de luxo e de adorno pessoal; hoje provém em grande parte da sua applicação mecanica.

Como é sabido, a dureza do diamante é superior a todas as substancias conhecidas, e tirou-se modernamente proveito d'esta propriedade para construir ferramentas empregadas na perfuração e trabalho das rochas, armadas com pontas d'aquella pedra preciosa.

Sem isto a perfuração do tunnel do Mont-Cenis de-veria durar em logar de 7 annos, 21 annos.

Hoje estas ferramentas estão sendo empregadas muito geralmente, tanto na Inglaterra, como no continente europeu e americano. A *Societé d'encouragement*

pour l'industrie nationale, de Paris, propõe para 1877 um premio de 600\$000 réis a quem descobrir o meio de preparar artificialmente o preto compacto.

O maior relógio do mundo. — O relógio do Parlamento de Londres é incontestavelmente o maior relógio do mundo. Cada um dos seus quatro quadrantes tem um diametro de 22 pés ou mais de 7 metros. Em cada meio minuto a distancia percorrida pelo ponteiro maior é de 7 pollegadas pouco mais ou menos, tendo o relógio corda sufficiente para oito dias e meio. O balanceiro mede 19 pés de comprimento, o timbre das horas pesa mais de 14 toneladas ou seja em kilogrammas 14:000, e o martello 500 libras ou 250 kilogrammas.

Jardins no Japão. — Um viajante chegado do Japão dá as seguintes noticias:

Todas as casas ali tem flôres, as mais sumptuosas como as mais pobres.

A jardinagem, e a propria arte de fazer ramilhetes, é ensinada nas escolas.

Uma especie ou variedade nova de planta que apparece é immediatamente cotada por alto preço e logo se espalha por toda a parte.

As agulhas. — O fabrico das agulhas começou em Inglaterra no anno de 1500. Cada uma passa pelas mãos de 130 operarios, antes de chegar ao grau de perfeição necessario.

Tempo necessario para a digestão de diversos alimentos:

Carne de vacca, pouco assada	3.00
Dita, dita, bem assada	3.30
Dita, dita, cosida	2.45
Pão de milho	3.15
Dito de trigo	3.30
Manteiga	3.30
Queijo	3.30
Frangãos	2.45
Pato	4.00
Ovos cosidos	3.30
Ditos fritos	3.30
Ditos quentes	1.30
Peixe, bacalhau	2.00
Salmão	4.00
Truta	1.30
Gallinhas	4.00
Leite	2.00
Carneiro	3.15
Porco	5.15
Batatas	2.30
Arroz	1.00
Vitella	4.00

CHRONICA DOS THEATROS

Gymnasio. — Beneficio da actriz Beatriz Rente — O MARIDO EXPERIENTE, comedia em 4 actos — A ESPADA DE MEU AVÔ, comedia em 1 acto.

Tratando-se de duas *premières* e do beneficio de uma estudiosa actriz portugueza que faz parte da companhia do theatro do Gymnasio — companhia que ha cerca de um mez só trabalhara n'um ou n'outro beneficio, em consequencia de n'aquelle theatro estar representando o distincto actor Ernesto Rossi — encheu-

se na noite de sexta-feira ultima aquella casa de espectaculos, porque é bem reconhecido o talento de Beatriz e são muitos os seus admiradores.

O *marido experiente* é uma comedia no genero das do Gymnasio, em que Gervasio Lobato encontrou assumpto para poder expandir a sua *verve*. De acto para acto vae subindo o espirito provocado pela meada em que um marido *soi-disant* experiente se envolve persuadido que, pelo seu muito saber, *n'estas questões*, poderá averiguar se é ou não trahido pela esposa.

O enredo é pouco mais ou menos este dando os diferentes quiproquos, que necessariamente ha, occasião a que o espectador não se enfastie nos quatro actos de que a comedia se compõe.

O desempenho é regular como geralmente succede no Gymnasio, n'estas comedias, sendo pequenas as faltas que se possam notar.

A *espada de meu avô* é uma comedia engraçada e bem interpretada por Montedonio, Eloy, Soccorro e Beatriz.

Collseu. — Continuam a ser bastante concorridos os espectaculos porque a empresa não se cança em apresentar novidades.

Os irmãos Dare na barra são admiraveis, um como *clown* e o outro pelos bons exercicios feitos só com uma perna, porque o distincto artista é realmente mutilado.

Miss Katarinodar, os irmãos Coutrads, os *clowns* Trenter, Gaetano e Mazzolli etc., fazem com que o publico passe agradaveis noites no Coliseu.

*
* *

No dia 13 do proximo mez realisa-se no theatro da Trindade o beneficio da actriz Amelia Barros com a primeira representação da comedia em 4 actos *O tio commendador*.

*
* *

No theatro do Principe Real representa-se no dia 16 de fevereiro a magica de Eduardo Garrido *A primiza dos cabellos d'ouro*.

Py-Thon.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA

Premio: — «HYGIÈNE GÉNÉRALE», de Cruveillier

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Entre os gregos, mulher, tiveste cultos,
se letra lhe juntar;
das romanas adorno, n'outras eras,
sem nada acrescentar.

Cidade em mim vereis, d'alto renome,
mas não em terra lusa;
da scena um requisito, — dil-o o vate —
o eysno de Venusa. — 2

Da sciencia, justiça e probidade
teve o raro condão.

Junte-lhe, por favor, uma só letra, —
terá a explicação. — 2

A ti meus frouxos cantos que dimanam
d'um profundo sentir;
a ti os mil hossanas explendentes
d'um dourado porvir.

Mulher, segui ávante, — é teu fadario
o bem da humanidade;
converte, no mago influxo dos teus olhos,
a ira em piedade.

Nos arrancos da dôr que dilacera;
nos estros da paixão;
és sempre o grande genio, que arreбата,
que enleva a multidão!

Moura.

A. P. DE MIRANDA AZEVEDO.

CHARADA

Premio: — «Les peuples de l'Afrique et de l'Amerique»,
de Girard R.

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Como é bella e olorosa!
Tão formosa
Não ha decerto, — não ha. — 2
Qual modesta sensitiva,
Que se esquivava,
Ao contacto fugirá. — 2

Ao cantinho da lareira,
Tão fagueira,
Como é grato vel-o bem.
De pura crença cercado,
Tão pregado,
Que singeleza que tem!

Moura.

A. P. DE MIRANDA AZEVEDO.

Explicação das composições enigmaticas do numero anterior: Proverbio enigmatico: — *Quem mais faz menos merece*. Enigma geographico:

S erp A
O ure M
B rag A
Rio-maior
Alcochet E
L ago S

Coube o premio na provincia á ex.^{ma} sr.^a D. Narciza de Castro, de Coimbra e em Lisboa ao ex.^{mo} sr. Carlos M. Braga.

Vieram em segundo lugar decifrações das ex.^{mas} sr.^{as} D. Guilhermina A. da Cruz, D. Genoveva M. C. Rodrigues e D. Amelia da Cunha e dos ex.^{mos} srs. Arthur Alegre Cosmelli, Gaspar de Souza e Domingos de S. Costa Meirelles.